

# EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: TRAJETÓRIA DOS SUJEITOS E DESAFIOS ESTRATÉGICOS DA UFPB NO VALE DO MAMANGUAPE PARAIBANO

PATRÍCIO DA SILVA, Adriano  
Estudante bolsista PIBIC-GEPeesS  
Estudante do Curso de Ciência da Computação- CCAE - UFPB  
[adriano.patricio@dce.ufpb.br](mailto:adriano.patricio@dce.ufpb.br)

GOMES JUNIOR, Josué da Silva  
Estudante bolsista PROBEX-GEPeesS  
Estudante do Curso de Ciência da Computação- CCAE - UFPB  
[josue.gomes@dce.ufpb.br](mailto:josue.gomes@dce.ufpb.br)

PALHANO SILVA, Paulo Palhano  
Professor Dr. Orientador  
Líder do GEPeesS-CCAe – UFPB - CNPq  
Integrante da INCUBES -UFPB  
[ppalhao1@gmail.com](mailto:ppalhao1@gmail.com)

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O artigo trata sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa “EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDARIA: Sujeitos e desafios estratégicos da UFPB no Vale do Mamanguape” vinculado ao GEPeesS – PIBIC -UFPB tendo como objetivo estratégico “identificar os empreendimentos econômicos e solidários no Vale do Mamanguape(PALHANO SILVA, 2011).

**METODOLOGIA.** Utilizar-se a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2002) por considerar o arcabouço metodológico que investiga construir resultados de referencia e possibilita o empoderamento dos sujeitos nas ações do projeto. Para tal, utilizar-se-á a base de dados da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES/MTE, identificando os empreendimentos e as características da ação requerida aos Cursos da UFPB no CCAE. Observação da realidade, diálogos, aplicação de questionários, sistematização, análises, produção de relatório, visitas técnicas, apresentação dos resultados do relatório a comunidade, validação dos resultados e publicização dos achados.

**RESULTADOS:** Processo permeado e fortalecido por aporte teórico-metodológico com os momentos reflexivos sobre a temática da economia solidaria e os dados da realidade. As visitas técnicas as área de produção da EcoVila Pau Brasil em Pium – Parnamirim – RN e feiras agroecológicas do RN e PB foram momentos peculiares reveladores de identidades.

**CONCLUSÃO:** A pesquisa revela singularidades da educação em economia solidária e destaca os traços requeridos para a inserção da universidade. A pesquisa-ação como sua estrutura pedagógica, sendo um exercício pedagógico, possibilita a ação que cientificiza a prática educativa (FRANCO, 2005). As feiras em foco são locais eco-pedagógicos, onde saberes circulam tendo como base a matrizes da agroecologia e da economia solidária.

Palavras-chaves: Educação, Economia solidária, Feiras Agroecológicas.

## INTRODUÇÃO

A economia solidária tem se constituído como prática social, sendo capaz de aglutinar milhares de famílias que materializam em seus cotidianos formas diferentes de produzir, vender, comprar e trocar com base nos valores da autogestão, democracia, cooperação e da solidariedade. No Brasil, em 2005, foram identificados 14.954 empreendimentos em 2.274 municípios. No estado da Paraíba foram catalogados 129 municípios da PB perfazendo uma cobertura de 58% do total de 670 empreendimentos. A pesquisa indicou que os empreendimentos econômicos e solidários reuniam 56.993 indivíduos, sendo trabalhadores homens 30.010 e Mulheres 26.983. Em termos de grupos informais a pesquisa registrou 209 grupos, e já formalizados 387 associações e 52 cooperativas. Desse total um volume de 399 organizações atuam no campo, 150 atuam na cidade e 121 atuam no campo e na cidade. (SIAF/SENAES/MTE/GOV FEDERAL, 2007).

As feiras agroecológicas e solidárias constituem-se o espaço onde culmina o objeto da presente pesquisa. Ao longo dessa trajetória utilizou-se a pesquisa-ação como plataforma metodológica o que possibilitou a visualidade da singularidades da educação em economia solidária nesses ambientes. A vivência das ações com a pesquisa-ação enquanto estrutura pedagógica foi um exercício pedagógico que possibilitou a ação que cientificiza a prática educativa (FRANCO, 2005). As feiras em foco são locais eco-pedagógicos, onde saberes circulam tendo como base a matrizes da agroecologia e da economia solidária.

A economia popular e solidária pode ser verificada a sua existência por diversas maneiras, dentre as quais: a) a sua forma prática, quando existem empreendimentos que realizam trabalho e comercialização coletiva; b) pela sua expressividade metodológica que se manifesta por meio de uma pedagogia popular, de apropriação pelos seus sujeitos e até pelos seus parceiros; c) pela natureza não capitalista que assume suas relações sociais e de produção, sem patrão, com condução e decisão com democrática pelos seus integrantes.

É fundamental reconhecer a existência de um Estado da Arte na Economia Solidária apresentada por Singer (2009), Melo Neto (2003), Gaiger (2004), Dagnino (2009), Palhano (2008<sup>a</sup>; 2008<sup>b</sup>; 2009; 2010.a; 2010<sup>b</sup>; 2010<sup>c</sup>; 2010<sup>d</sup>), Gadoti (2009), onde apresentam conceitos, tipologias e características da economia solidária e de seus sujeitos.

Ao dialogar com a realidade brasileira, Eveline Dagnino manifesta que existe uma *nova cidadania* que começou a ser formulada pelos movimentos sociais. A partir do final dos anos 70 e ao longo dos anos 80, organizou-se no Brasil, em torno de demandas de acesso aos equipamentos urbanos como moradia, água, luz, transporte, educação, saúde etc. e de questões como gênero, raça, etnia etc. Inspirada na sua origem pela luta pelos direitos humanos (e contribuindo para a progressiva ampliação do seu significado) como parte da resistência contra a ditadura, essa concepção buscava implementar um projeto de construção democrática, de transformação social, que impõe um laço constitutivo entre cultura e política. Incorporando características de sociedades contemporâneas, tais como o papel das subjetividades, o surgimento de sujeitos sociais de um novo tipo e de direitos, também de novo tipo, bem como a ampliação do espaço da política, esse projeto reconhece e enfatiza o caráter intrínseco da transformação cultural com respeito à construção da democracia. (DAGNINO, 2004, p.104)

Por fim, declaramos que sua importância reside também no fato do GEPEES ter sido solicitado por empreendimentos econômicos e solidários para que a UFPB realize estudos sobre a situação sócio-econômico-cultural dos grupos produtivos no Vale do Mamanguape.

## **DESENVOLVIMENTO**

É percebido que a economia solidária promove mudanças nos planos social, econômicos e político. No sujeito gera uma emancipação marcada por interesses, de forma especial, pela sua participação e organização popular, pautado na cooperação e autogestão nos empreendimentos de Economia solidária.

No Brasil, emergiu na década de oitenta no âmbito dos movimentos sociais, o Movimento de Economia Solidária que tem constituído uma identidade social e política desenhada a partir da ação coletiva desencadeada por grupos de famílias trabalhadoras, apoiada por ONG's. Esses sujeitos sociais têm se empoderado na luta pelo desenvolvimento territorial, sustentável e solidário contribuindo de forma significativa para além da erradicação da pobreza extrema, armando uma nova arquitetura de representação nas redes sociais e produtivas e fóruns, tendo a capilaridade de atuar no campo da produção material, nos processos de articulação política, formação educativa, produção bens e serviços gerando um capital cultural e político. (PALHANO SILVA, 2011)

Paul Singer, um dos ícones da economia solidária no Brasil, manifesta que a economia Solidária tem uma característica de materializar um “desenvolvimento misto”, pois nesta economia contemporânea de natureza. O desenvolvimento vem tornando a economia mais mista, ou seja, uma combinação cada vez mais complexa de modos de produção. (SINGER, 2008, p.17).

Em 2003, surgiu a Secretaria Nacional de Economia Solidária que está implementando o Programa Economia Solidária em Desenvolvimento. O intuito é promover o fortalecimento e a divulgação da economia solidária mediante políticas integradas visando o desenvolvimento por meio da geração de trabalho e renda com inclusão social. O que há em comum entre o Crédito Agrícola, banco que gera lucros consideráveis, assim como paradoxos a partir destes. Suas grandes instituições proclamam-se diferentes de suas homólogas capitalistas, porém disso nem sempre há prova explícita ou convincente. Os grandes bancos e as sociedades mutuas com listas de seguros, bem como as cooperativas, têm estatutos incompatíveis com a lógica do mercado. No entanto, elas moldam-se ao sistema liberal a ponto de não poderem ser facilmente diferenciadas das empresas comuns. (MOTCHANE, 2008, p.110).

Para Jean-Loup Motchane, “É claro que contribuem com uma sustentação discreta, porém real, a empresas de economia solidária, militantes e inventivas, porém essa ajuda aparece mais como uma “boa ação” humanitária do que como uma vontade de opor outro modelo à economia de mercado. Elas divulgam seu vínculo a ideais comuns, mas ainda têm muito a fazer para calar seus opositores e melhorar sua compreensão. (Id. 2008, p.111).Essa reinvenção de organização dos povo brasileiro via a economia solidaria, “deixam aos políticos a preocupação de inventar outro modelo de sociedade, diz Jean-Loup Motchane(2008, p.111). Já PALHANNO SILVA (2010, p.1) acredita que organização social no seio da economia solidária não se limita a empreendimentos isolados, mas há um conjunto complexo de redes que reúne atores com mesmo objetivo social, produtivo, político, cultural, e lançam ações construindo diretrizes e perspectiva para suas vidas.

Em “Redes: um novo sujeito coletivo na economia solidaria”, PALHANNO SILVA analisa as ações educativas das Redes de Economia Solidária no Brasil, particularmente, nas atividades da Rede Abelha. Esta reflexão foi construída, a partir das práticas educativas vivenciadas em projetos de formação sócio profissionalizante, no Plano Nacional de Qualificação Sócio Profissional - PLANSEQ ECOSOL - Ministério do Trabalho e Emprego – M.T.E. – Secretaria de Economia Solidaria –

SENAES, exercida nos períodos de 2006 a 2008 e 2008-2010. As temáticas abordadas no processo de formação foram especialmente questões referentes ao mundo do trabalho, economia solidária, comércio justo, com recorte em temáticas como metodologias participativas, meio ambiente, desenvolvimento sustentável, gestão coletiva, controle social. As Redes de economia solidária são a expressão da sociedade civil, congregando trabalhadore(a)s de segmentos produtivos e sociais, entidades âncoras, tendo algumas com atuação de âmbito nacional e regional e vinculam-se à economia solidária seja pelos princípios, pela forma de cooperação e autogestão. (PALHANNO SILVA, 2011)

As ‘Redes’ de economia solidária que atuam no Brasil se constituíram basicamente nas últimas três décadas, reunindo grupos informais, entidades formalizadas, com dimensões inicialmente nascidas das ações locais, e ampliadas para reunir atores a nível regionais e nacionais, como analisa Palhano Silva (2010, p.1). Identificou-se que essas têm como espaço privilegiado os processos de articulação, formação e produção, seja visando sua configuração social ou produtiva.

Ao analisar a força e emergência das redes de movimentos sociais na América Latina, Ilse Scherer-Warren, constata que “vêm construindo caminhos para uma política emancipatória, na medida em que se apresentam abertas à diversidade das organizações sociais da região, vêm colaborando para reescrever a história de ocupação e a de dominação em cada país, traduzindo-as em simbologias e significados para as populações mais excluídas, discriminadas e dominadas no presente, criando utopias de transformação que foram unificadas no lema “um outro mundo é possível” e suas variações de interpretação. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 515).

Muitas vezes, definimos erroneamente Educação de Jovens e Adultos. Por isso, antes de iniciar nosso estudo, é necessário conhecer um pouco da história dessa modalidade de ensino. Segundo Freire (apud Gadotti, 1979, p. 72) em Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta, os termos Educação de Adultos e Educação não formal referem-se à mesma área disciplinar, teórica e prática da educação, porém com finalidades distintas. Esses termos têm sido popularizados principalmente por organizações internacionais - UNESCO - referindo-se a uma área especializada da Educação. No entanto, existe uma diversidade de paradigmas dentro da Educação de Adultos.

É necessário perceber o grau de desenvolvimento que esses empreendimentos possuem. Segundo Castells (1999), o desenvolvimento tecnológico e as transformações

das sociedades estão intimamente relacionados, embora “a tecnologia não determine a sociedade. Nem a sociedade escreva o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo” (CASTELLS, p. 25).

Por outro lado, faz-se necessário verificar as ações da UFPB que há quatro anos implementou o Campus universitário com unidades situadas em Mamanguape e Rio Tinto, tendo 12 cursos, sendo 2 de mestrados. Tendo também o curso de educação sendo avaliado com conceito „5“ e a presença no campo da educação do GEPEEEs com duas linhas de investigação, sendo uma Educação e Economia Solidária. Diversos registros já foram feitos sobre a ação da UFPB na região, dentre outros, MELO NETO (2003) destaca atividades de extensão universitária e produção do conhecimento na Paraíba. Assim, a presença da UFPB na região requer projetos que realize o diálogo, a investigação, (...) de elaboração idônea e de proposição dialogada com a sociedade. Esse papel é fundamental ser exercido pela UFPB para com os sujeitos econômicos e solidários do Vale do Mamanguape.

## **METODOLOGIA**

A proposição teórico-metodológico que conduzir-se o projeto enfoca as estratégias de ação e manifesta-se: a) No corpo teórico capaz de fornecer subsídios para a compreensão de categorias e articulações de situações e no desvelamento de fenômenos; b) No campo metodológico o rigor para oportunizar de forma sistemática e eficiente as etapas e proposições para a materialização do projeto. A metodologia contará com a participação, socialização, diálogo interdisciplinar e a práxis.

Para apreender informações do movimento social denominado ‘empreendimentos econômicos e solidários’ recorreremos a Caldart (2000), Gonh (1991), Bogo (1999), Stedile (1999), Palhano Silva (2011), pois esses são especialistas na temática e ao longo de seus escritos tem demonstrado preocupação em oferecer parâmetros que qualificam esses sujeitos de atuação no campo educacional sejam eles: indígenas, economia solidaria, sindicais, ecológicos, religiosos (...). Nas bases teóricas de Castells (2000), Pernambuco (2008), Paiva (2006), Dagnino (1994) e Scherer-Varren (1993) buscaremos o apoio para compreensão dos processos pedagógicos, das novas tecnologias e sua articulação com o campo educacional que constrói capital cultural. A articulação entre o microcosmo e o macrocosmo dos empreendimentos econômicos e

solidários, bem como a articulação do capital cultural e social a partir de Bourdieu (1999).

Para Bourdieu (1999) trata-se de um trabalho do sujeito sobre si mesmo. O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um habitus. O capital incorporado não pode ser transferido instantaneamente, pois é algo pessoal. Ele é diferente do capital do dinheiro, da propriedade, cuja transmissão pode ser feita por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Os Capitais culturais e sociais se manifesta no objetivado, incorporado e institucionalizado. Nesse sentido, o objeto é analisado pelos seus contornos teórico-metodológico.

O projeto contemplará: a) Divulgação do projeto aprovado e seleção do bolsista; b) Definição dos ambientes onde serão aplicados a pesquisas; c) Montagem de instrumentos e aplicação dos instrumentos de coletas de dados, saber: questionários, entrevistas semiestruturadas e fotografias; d) Averiguação dos dados, tratamento, sistematização; d) Leitura dos dados sistematizados e produção dos relatórios; e) Identificação via reconhecimento pelo *software* GPS pela ação do Mestrado de Ecologia; f) Leitura dos ambientes identificados por membros do Mestrado de Antropologia; g) Consolidação dos resultados em relatório final do Projeto; h) Efetivar processo de divulgação dos resultados via apresentação em seminário com os sujeitos alvos do projetos/emprendimentos de economia solidaria;

A metodologia deve ainda: No primeiro momento fazer a conceituação sobre EJA e ECOSOL especialmente como vem se manifestando no Vale do Mamanguape, porém fazendo uma interface com as matrizes da EJA e da ECOSOL; No segundo observar onde estão os empreendimentos, suas características e suas relações com o mercado, com a população, bem como sua interface com a EJA e ECOSOL e a relação com a UFPB, notadamente com os Cursos instalados no CCAE (litoral norte) e com o GEPEEEs, Mestrado de Ecologia e Antropologia. Para tal serão aplicados questionários, entrevistas semiestruturadas gravadas e fotografias. No terceiro momento, promover a articulação teoria-prática possibilitando um desenho do objeto mais próximo da sua realidade.

Devemos afirmar que a participação dos membros na avaliação é algo fundamental para a condução do processo de aplicação do projeto. Ressalta-se que todo o material ficará no arquivo vivo no GEPEEEs para consulta publica por pesquisadores, estudantes e comunidade. No plano teórico, os empreendimentos econômicos e

solidários tem assumido importância por serem espaços de confluência de interesses gerando nos participantes o habitus de participar de um processo social, econômico, cultural, por exemplo as feiras agroecológicas e solidárias que tem como sujeitos produtores e consumidores de consumo e comercialização de produtos saudáveis. Esses são espaço de interatividade, de vivência, de instalação de sociabilidade que se enraíza nos sujeitos na medida em que tem regularidade, bem como, na medida em que consomem seus produtos, divulgam suas matrizes identitárias, agroecológica e solidária. Diríamos, assume uma plataforma da sociedade da felicidade marcada pelo habitus: Para que um campo funcione, é necessário que aí existam enjeux e pessoas prontas a jogar o jogo, dotadas de habitus que permite o conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos enjeux. (PALHANO SILVA, 2004, P. 157).

Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades.

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria habitus implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O habitus é uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1992, p. 101).

Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam. (SETTON, 2002, p.63)

Primeiros resultados já alcançados com as ações do projeto:

1. **LEVANTAMENTO DE DADOS:** Foi iniciado o levantamento de dados dos empreendimentos econômicos e solidários produzidos pelos levantamentos da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES/MTE; Foram identificados empreendimentos no litoral Norte a partir do relatório da SENAES/MTE no Vale do Mamanguape;  
Menciona-se que foi iniciada a aplicação do instrumento de coleta de dados dos empreendimentos econômicos e solidários no Vale do Mamanguape. Esse levantamento deverá continuar nessa segunda fase;
2. **LEITURAS TEMATICAS:** Visando uma compreensão teórico-metodológica foram realizados momentos de estudos sobre a temática da economia solidária



de forma sistemática, especialmente, a leitura de documentos básicos acerca dos fundamentos da economia solidária;

3. **VISITAS AOS EMPREENDIMENTOS:** No intuito de compreender melhor os empreendimentos de economia solidária, foram realizadas visitas técnicas as feiras agroecológicas e solidárias instaladas no Campus da UFRN – Natal - RN, e no Campus da UFPB – João Pessoa - PB, nos municípios de Rio Tinto, Jacaraú, Itapororoca e Marcação, além da visita técnica ao empreendimento solidário denominado Eco Vita Pau Brasil em Pium – RN.
4. **PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS:** Registra a participação em eventos como:
  - Simpósio de Incubadoras Nordestina de Economia Popular Solidária promovido pela INCUBADORA da Universidade Federal de Campina Grande/2011; sendo na oportunidade apresentado o Dr. Paulo Roberto Palhano Silva proferido conferência e coordenado mesa redonda;
  - Seminário de Incubadoras do Brasil, realizado em João Pessoa, UFPB, promovido pela INCUBES/2011;

Pelos processos de observação já podemos identificar um conjunto de características que mantém um distintivo (BOURDEIU, 1999) das feiras agroecológicas e solidária frente aqueles de natureza tradicional.

## **GUIA DE CONCLUSÃO**

Pelos dados coletados e analisados no início da trajetória da pesquisa, percebe-se que os empreendimentos econômicos e solidários, tomando como exemplo o caso das feiras agroecológicas e economia solidária na Paraíba e no Brasil, assumem um papel fundamental na dinâmica dos espaços que estão instaladas e dos sujeitos envolvidos – no caso produtores e consumidores.

As feiras, como empreendimento, tem a capacidade de produzir neles, um enraizamento – interiorização - da dinâmica sócio-econômica-cultural das populações. Essas são espaços de externalização - diálogos, de troca de saberes, de formulações propositivas -, que emergem em todo o Brasil, como uma nova referência cultural que visa instituir novos hábitos de consumo alimentício, de autogestão, de relações sociais, de visão de mundo.

Na medida em que há uma regularidade na participação dos produtores nas feiras, bem como, dos consumidores, percebe-se que se gera um habitus com capacidade de possibilitar no cotidiano dos indivíduos e do grupo uma estrutura, estruturante, estruturada, gerando um novo sujeito com uma identidade social, guiado por um sistema de orientações ora consciente, ora inconsciente, a partir das escolhas pautadas na liberdade. A UFPB através do GEPEEEs e INCUBES, enquanto instituições universitárias, acompanham, sistematizam, publicizam, validam, com os empreendimentos, os processos dessa dinâmica desses sujeitos que marcam a história contemporânea do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANTEAG. Autogestão e Economia Solidária – uma nova Metodologia. SP, Anteag, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. Campo econômico. A dimensão simbólica da dominação. Tradução: LINS, Daniel. São Paulo: Parirus Editora, 1999.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. SÃO Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Globalização ética e solidariedade. In DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio e FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DAGNINO, Renato Peixoto. Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas/SP.:IG/UNICAMP, 2009.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. (org.). Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como Práxis Pedagógica. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária e produção do conhecimento. Conceitos, João Pessoa - PB, v. 5, n. 9, p. 13-19, 2003. MOTTA, Eugênia de Souza

Mello Guimarães. A outra economia: um olhar etnográfico sobre a economia solidária. Dissertação de Mestrado do PPGAS/UFRJ, 2004.

MOTTA, Eugênia de Souza Mello Guimarães. A outra economia: um olhar etnográfico sobre a economia solidária. Dissertação de Mestrado do PPGAS/UFRJ, 2004.

PALHANO SILVA. Paulo Roberto. MST, HABITUS E CAMPO EDUCACIONAL: Plantando as sementes de uma educação libertadora. Natal, UFRN (tese de doutorado), 2004.

\_\_\_\_\_. A formação do educador libertador em rede. In: Programa de Formação A economia solidária como estratégia de desenvolvimento, 2008a, Brasília.

\_\_\_\_\_. A economia solidária como estratégia de desenvolvimento. Ministério do Trabalho e Emprego – SENAES, 2008b. v. 2. p. 167-190

\_\_\_\_\_. Redes: um novo sujeito coletivo na economia solidária. In: XXVII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, 2009, Buenos Aires - Argentina. XXVII Congresso ALAS: Latinoamérica interroga. Buenos Aires - Argentina: Associação Latino-americana de Sociologia, 2009.

\_\_\_\_\_. Novas estratégias educativas: experiências das redes de economia solidária no Brasil. In: VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural - America latina: realinhameientos politicos y projectos en disputa, 2010a, Porto de Galinhas - PE. VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural - America latina: realinhameientos políticos y projectos en disputa. Recife : Alasru - UFRPE, 2010. v. 8.

\_\_\_\_\_. A pedagogia do Movimento da economia solidária. Quixadá – CE, de III FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia, 2010b.

\_\_\_\_\_. Educação política: Sujeitos. Educação e cidadania (a experiência do MEB no RN. In: Congresso internacional: um olhar sobre Paulo Freire, 2000, Evora. Um olhar sobre Paulo Freire - O livro do Congresso. Evora - Portugal : universidade de Evora, 2000. v. 1. p. 166-167.

\_\_\_\_\_. Educação e economia solidária em Redes no Brasil. In. Coletânea de Textos Didáticos - Dialogando com o Planejamento, Gestão, Comercialização e

Apicultura em Economia Solidária. Planseq Ecosol – Plano Nacional de Qualificação Social e Profissional em Economia Solidária. MTE-SENAES. Natal, Grupo Colmeias de Projetos Assessorias e Serviços, 2009, nº 3, pag.33 – 45, 2010c.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade: um estudo das práticas educativas do MST. USP, IV CIPA, Congresso Internacional de Pesquisa (auto) Biográfica. São Paulo, USP, 26 a 29 de julho de 2010d.

\_\_\_\_\_. Educação e ação cultural no Vale do Mamanguape via a sétima arte. Mamanguape – PB, UFPB, PRAC, PROBEX, 2010e.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto, PESSOA FILHO, Peron Bezerra e Xavier, Aline Araujo Tairir de Lima. Educação, capital cultural e arte: O cinema no Vale do Mamanguape encantou muita gente. Mamanguape – PB, UFPB, PRAC, PROBEX, 2010.

SENAES/MTE. Plano de Ação para 2004. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 1994.[http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/conteudo/Plano\\_de\\_acao.pdf](http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/conteudo/Plano_de_acao.pdf)

SINGER, Helena. República de Crianças: sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1997.

SINGER, Paul. Introdução à economia solidária, 2002.

\_\_\_\_\_. A Economia Solidária como ato pedagógico. In KRUPPA, Sonia M. P. Educação de Adultos e Economia Solidária. Brasília: INEP, 2004.